

EM CAMPINAS, a periferia dança com o Balé Studium. O Estado de São Paulo, São Paulo, 25 mar. 1981.



A bailarina Beth Rodrigues, formando grupos de dança

O Estado 25.3.81
**Em Campinas, a periferia
 dança com o Balé Studium**

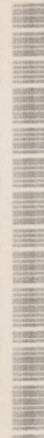
Durante uma semana a bailarina Beth Rodrigues, do Studium Ballet, de Campinas, saltou valetas, pisou em poças de lama, bebeu café em chicara de lata, visitou dezenas de barracos e, principalmente, transformou-se na atração do período em toda a favela que cerca a Vila Perseu Leite de Barros, um núcleo do BNH na periferia da cidade. No domingo, com 13 alunas e professoras, ela viu que esse trabalho valeu a pena: pelo menos duas mil pessoas cercaram o pátio do centro social comunitário do bairro para assistir a uma demonstração dos movimentos básicos da dança, e, ao final, acompanharam com muito entusiasmo números completos, executados ao som de sofisticadas composições de Katchaturian e Mozart — este, abrandado por meio de um arranjo em ritmo de choro.

“Foi tudo muito gratificante”, revelava depois a bailarina, que pretende repetir o modelo no próximo domingo, em outro núcleo, a Vila Costa e Silva. A intenção final de Beth Rodrigues é formar, no prazo mínimo de seis meses e máximo de um ano, toda uma turma, “integrada por talentos natos, detectados nessas incursões”. Isso se fará de uma forma colegiada, ou seja, depois da seleção prévia de dez meninas em cada local, todas com potencial equilibrado (magras, longilíneas, com noções de ritmo e boa capacidade de assimilação), caberá à diretoria da sociedade amigos do bairro indicar três nomes que integrarão, depois, o conjunto. As aulas serão ministradas nas próprias entidades, quando hou-

ver espaço para isso, em salões paroquiais, ou ainda nas quadras das escolas de samba. Encerrada a primeira etapa, o Studium Ballet vai montar um espetáculo formal, em um dos teatros da cidade. “Dentro de algum tempo, ainda ao longo da temporada deste ano, a Orquestra Sinfônica Municipal vai incorporar-se a pelo menos um evento desta série”, afirma o regente Benito Juarez, que, no domingo, inaugurou o ciclo de concertos informais da OSMC tocando no Bosque dos Jequitibás para uma platéia de cinco mil pessoas.

Nos planos de Beth Rodrigues, tudo é lúdico: as meninas da platéia são convidadas a escolher entre as instrutoras as que estão em melhores posições. E a diferença entre as posturas “certa” e “errada” são, depois, explicadas. No final, todas são convidadas a subir até o praticável e, livremente, exercitar-se. Nesse momento, Beth faz a avaliação para elaborar a lista de candidatas às bolsas de estudo que oferece. Surgem algumas surpresas, como a menina Lígia Barbosa, 10 anos e duas bonecas, a primeira a aceitar o convite para ir ao palco. Pés para fora, barriga encolhida, sorriso permanente nos lábios, ela executou, naturalmente, todos os movimentos, e acabou sendo uma das escolhidas. Como sua irmã, Neir, morena bonita, destaque da Escola de Samba Moleque Travesso, que ajudou a organizar a demonstração e, no encerramento, sem ensaio, mostrou que intuitivamente é capaz de seguir qualquer coreografia: “Coisas do samba no pé”, explicava, mais tarde, ofegante.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029734